

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 15

Data: Set/85

Pg.: \_\_\_\_\_

Remanescentes dos índios **Tapeba**, da nação **Tapuya**, estão localizados no município cearense de Caucaia, a poucos quilômetros de Fortaleza. Calculados em 2 mil índios, os **Tapeba** passaram por um longo processo de degradação física e moral, vivendo de pedir esmola (60%) e registrando um perturbador índice de suicídios. Caucaia é conhecida como o segundo município, no Brasil, de incidência de crimes impunes, principalmente entre pobres, com aproveitamento político-eleitoral por parte das autoridades locais. É dentro desse contexto que vivem os **Tapeba**. Felizmente, a situação desse povo vem

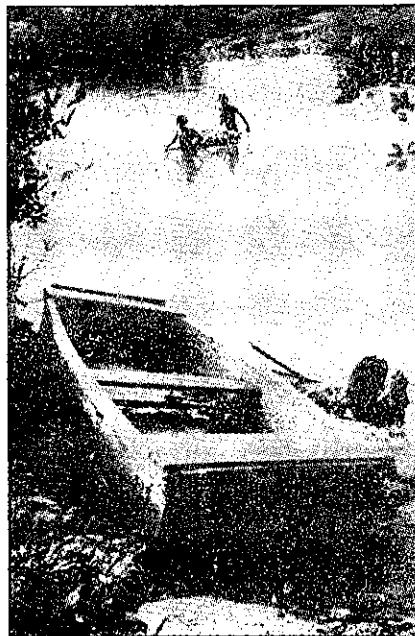
apresentando algumas mudanças. Com o início, já há algum tempo, de um trabalho sócio-pastoral com remanescentes dos **Tapeba** feito pela Arquidiocese de Fortaleza, há a tentativa de reunificar este povo para que ele mesmo reconquiste a dignidade perdida, a identidade cultural e sua própria consciência de nação **Tapuya**. Recentemente, os **Tapeba** escreveram ao Presidente da República, à Funai e ao Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário, expondo sua condição de vida e reivindicando terra para morar e trabalhar. Eis aqui a íntegra de uma carta que os **Tapeba** enviaram à redação do PORANTIM.

# Tapeba: "Passando um dos maiores apertos"

Nós das comunidades indígenas dos **Tapeba**, no Ceará, junto com amigos de outras comunidades de Cigana, Açude, Capoeira Um, Capoeira Dois, Trilho, Pista, Ilha, Ponte Um, Ponte Dois, Vila Nova, Vila São José, estamos passando por um dos maiores apertos que um pobre pode passar, porque somos **Tapeba**, um dos primeiros habitantes do Ceará e já fomos expulsos das nossas terras boas, onde nós podíamos trabalhar e viver, as terras que Deus nos deu.

Depois que nossas terras foram tomadas, achamos que o único lugar que nós do Rio Ceará podíamos morar era o mangue, porque é terreno da Nação. Estava nos dando muito bem porque apesar da terra não ser boa para plantar, mas tem caranguejo, camarão, siri e peixe, que é do que a gente vive. Mas alguém viu isto e quer nos expulsar de lá. Primeiro, foi o filho do sr. Francisco Vidal, que disse que era dono e nos intimou para que nós derrubássemos uma casa da comunidade e deixássemos de tirar areia do rio, que é do que nós vivemos na época do inverno. Esta areia é a água das enchentes que traz, não prejudicando assim o rio a nossa tirada de areia. E sim ajudando a limpar o rio e nos protegendo de uma inundação.

Quando fomos intimados, o fofreiro, este Francisco Vidal disse que



ia vender esses terrenos do mangue para a TBA (indústria de biscoito, macarrão...), mas a TBA se afastou e o sr. José Prudêncio — dono da indústria Cerapeles — vizinho da TBA, tomou a frente da questão e disse que ia mostrar como comprava o terreno e já está desmatando uma grande área, fazendo picadas para cercar com arame da noite para o dia. E nós, os índios, e o povo pobre que vive como nós, onde vamos parar? Nós não temos para onde ir. Já nos acostumamos com o mangue.

Nós pensávamos que nós, os índios, e os pobres nossos amigos, podíamos viver nem que fosse dentro do mangue, já que é terreno da União. Mas pelo visto estão tirando esse direito que nós temos. Queremos que as autoridades veja a gente como filhos de Deus e como gente que também tem o direito de viver. Pedimos aos senhores para ver o que podem fazer por nós.

Rio Ceará, Caucaia, 8 de agosto de 1985  
Seguem 29 assinaturas